



O DIALOGISMO BAKHTINIANO E AS RELAÇÕES DISCURSIVAS DO SUJEITO NA CIDADE

Bakhtinian dialogism and discursive relationships of the subject in the city

FELIPE CASADO DE LUCENA¹

RESUMO: Este artigo verifica os discursos do sujeito no espaço urbano e os seus sentidos à luz da compreensão bakhtiniana de linguagem. Esta abordagem leva em consideração os pressupostos teóricos de Bakhtin a respeito da produção da linguagem como fenômeno socioideológico, construído dialogicamente no decorrer da história. Partindo da ideia de heterogeneidade da linguagem em sua dimensão social concreta, este artigo utiliza também estudos organizados por Eni Orlandi a respeito dos sentidos sociais públicos urbanos. Como resultado deste trabalho, observou-se que o sujeito apreende a realidade urbana, da qual faz parte, a partir de uma perspectiva imposta pelo Estado regulamentador. Essa visão é construída especialmente na escola através do imaginário de sujeito e de cidade homogêneos, o que exclui os outros sujeitos e espaços que não fazem parte dessa norma completa e estabilizada.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Heterogeneidade. Discurso. Sujeito urbano.

ABSTRACT: This article verifies the subjects' discourses in urban space and their senses in the light of Bakhtinian comprehension of language. This approach considers Bakhtin's studies on the production of language as a socio-ideological phenomenon, constructed dialogically throughout history. Starting from the idea of language heterogeneity in its concrete social dimension, this study also uses researches organized by Eni Orlandi regarding the urban public social meanings. As a result of this work, it was observed that the subject perceives the urban reality, of which he is part, from a perspective imposed by the regulatory state. This view is built especially in school through the homogeneous subject and city imaginary, which excludes other subjects and spaces that are not part of this complete and stabilized norm.

KEYWORDS: Dialogism. Heterogeneity. Speech. Urban subject.

LUCENA, F. C. de. O dialogismo bakhtiniano e as relações discursivas do sujeito na cidade. In. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Professor do Curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Doutorando em Ciências da Linguagem (Unicap), possui mestrado em Linguística (UFPE), especialização em Linguística aplicada à Língua Portuguesa (Fafire), graduação em Letras Português /Inglês (Unicap) e Jornalismo (Unicap). Atua também como consultor linguístico e revisor de textos.





INTRODUÇÃO

De acordo com Brait (2005), em busca da compreensão das formas de produção do sentido, da significação e do funcionamento discursivo, Bakhtin contribuiu com uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana a partir de estudos que envolviam a sistematicidade do discurso cotidiano. Seu conceito de linguagem está relacionado a uma visão de mundo que perpassa pela abordagem linguístico-discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura e por uma série de dimensões interligadas.

O pensamento bakhtiniano está voltado para as formas e os graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem. Segundo Brait (2005), Bakhtin preocupa-se com a dimensão histórico-ideológica e a consequente constituição sógnica das ideologias; a natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra; a reflexão sobre os gêneros discursivos; e a interdiscursividade como fator indispensável à linguagem.

O estudo sobre as condições de produção da linguagem e as suas relações sociais não pode excluir a análise do espaço em que estão inseridos os falantes, a cidade, onde há uma variedade de modos de falar e de linguagens, o que reflete a diversidade da experiência social. A língua se constitui como um produto inacabado, uma realidade em formação, já que:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1992, p.108)

Partindo dessa ideia de língua como “corrente da comunicação verbal”, repleta de constantes mudanças, este trabalho procura refletir sobre as relações de causa e efeito entre o falante, a língua e a cidade construídas dialogicamente em seus aspectos histórico, social e político.





1. O DIALOGISMO BAKHTINIANO

O dialogismo é algo sempre presente na reflexão bakhtiniana. O termo dialógico é categoria de análise tanto num texto verbal quanto num texto escrito. A palavra do outro está sempre lá, podendo ser mais ou menos assimilada ou escondida. As vozes são múltiplas num texto, e também são múltiplos os momentos e as formas em que elas se fazem ouvir (CAMERINI, 2003).

Pode-se dizer que o dialogismo bakhtiniano é uma teoria da dialogização interna do discurso, pois não significa o face a face conversacional do diálogo. No princípio dialógico, não é a presença real e física de dois locutores e dois enunciados que o compõem, mas sim a existência de duas ou mais vozes no interior de um mesmo enunciado de um mesmo locutor. Essa relação dialógica está presente até mesmo nas produções verbais profundamente monológicas.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1992, p. 95)

Segundo Barros (2005), duas noções de dialogismo de Bakhtin são separadas para que se compreendam os estudos do discurso e do texto. A primeira delas diz respeito ao diálogo entre interlocutores, que se relaciona atualmente aos estudos sobre interação verbal e intersubjetividade. Consideram-se alguns aspectos dessa concepção dialógica entre os interlocutores: a interação é o princípio fundador da linguagem; o sentido do texto e a significação da palavra dependem da relação entre sujeitos; e a intersubjetividade precede a subjetividade. Além disso, para Bakhtin, há dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos e a dos sujeitos com a sociedade.

Ao considerar esses aspectos do dialogismo interacional, pode-se verificar as contribuições de Bakhtin aos estudos da comunicação e da interação verbal. Esta é estabelecida no centro das relações sociais. Segundo Bakhtin (*apud* DAHLET, 2005, p.55), “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate





de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente”.

De acordo com Barros (2005), Bakhtin insiste na questão da variação linguística, funcional, discursiva, facetas da heterologia ou pluridiscursividade, que para ele são características do discurso. Ele se preocupa com a diversidade de vozes, das línguas e dos tipos discursivos.

O termo heterologia, embora em princípio se aplique à diversidade de tipos discursivos, é empregado, muitas vezes, nos escritos de Bakhtin, para a diversidade em geral dos diferentes elementos que caracterizam o discurso: de gênero (tipos discursivos), de profissão, de camada social, de idade e de região (dialetos). Todos esses elementos de variação devem ser considerados quando se pensa em comunicação verbal entre seres humanos. (BARROS, 2005, p.30/31)

Os estudos a respeito da interação verbal estão relacionados a uma proposta mais “humanizante” da comunicação. Na perspectiva de Bakhtin, o termo mais indicado seria “sociologizante”. É a partir dessa visão que se fundamenta a segunda concepção de Bakhtin a respeito do dialogismo: o diálogo entre discursos. Para ele, o discurso não é individual porque é construído pelo menos por dois interlocutores, inseridos num âmbito social. É construído como um diálogo entre discursos, já que mantém relações com outros discursos.

Três pontos devem ser esclarecidos: em primeiro lugar é preciso observar que as relações do discurso com a enunciação, com o contexto sócio-histórico ou com o “outro” são, para Bakhtin, relações entre discursos-enunciados; o segundo esclarecimento é o de que o dialogismo tal como foi concebido define o texto como um “tecido de muitas vozes” ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto; a terceira e última observação é sobre o caráter ideológico dos discursos assim definidos. (BARROS, 2005, p.33)

O dialogismo é uma interação constante entre os diversos discursos que fazem parte de uma sociedade, uma comunidade, uma cultura. Na linguagem, dialógica e complexa, as relações dialógicas dos discursos são expressas historicamente através do seu uso. A palavra é sempre atravessada pela palavra





do outro. O enunciador, quando constitui seu discurso, considera o discurso de outrem, que está sempre presente no seu.

2. A LÍNGUA, O SUJEITO E A CIDADE

Ao se trabalhar a concepção dialógica da linguagem proposta por Bakhtin, torna-se possível a compreensão acerca da construção de sentidos sociais públicos urbanos. São diversas vozes em concorrência e sentidos em conflito. Sendo assim, podem ser observadas as variadas formas de discursos presentes nos centros urbanos e as relações de sentido que se estabelecem a partir deles.

Quanto ao espaço urbano, ele não é apenas físico, mas também discursivo. Segundo Pfeiffer (2001, p.32), “é como um lugar atravessado pela memória, atravessado por um conjunto de gestos de interpretação, é onde o sujeito se inscreve historicamente, tomando sentidos”. Para Orlandi (2001), a cidade é um espaço que significa e é significado, o que permite um aprofundamento sobre a espacialização da linguagem e a simbolização do urbano.

Porque vive na cidade, o sujeito tem certa memória, está filiado a alguns de seus sentidos. Implicitamente tem sua significação urbana e assim age dentro desse espaço significante, investido de sentidos de sujeitos que são produzidos em uma memória. A linguagem, de acordo com Orlandi (2004), permite compreender o funcionamento do urbano no espaço simbólico que é a cidade, pois ela é repleta de discursos anteriores, carregados de sentidos sociais e políticos. Enxergar o habitante da cidade como um sujeito significativo possibilita verificar que através do sujeito o mundo faz sentido e que, dessa forma, a linguagem se realiza como discurso.

Parte-se do princípio, então, que a cidade faz sentido no sujeito e, de algum modo, afeta os sentidos de cidadania. Esse sentido de cidadania é constituído dialogicamente, através do discurso, pelo cruzamento da história e a forma como o social se significa nos sujeitos nos diversos sentidos da cidade. No entanto, verifica-se a sobreposição de um discurso normatizador na cidade. Tal discurso tenta silenciar outras formas de discursos.





A materialidade simbólica da cidade é contida na / pela urbanização. Há, assim, uma redução significativa da cidade e do social ao urbanizado. A imagem que o sujeito-cidadino tem da cidade é atravessada pela discursividade urbanista que não deixa trabalharem muitos dos sentidos que materializam política e simbolicamente a cidade. (ORLANDI, 2004, p.64)

A imposição excessiva do discurso urbano, tal qual ele é pensado, abafa o espaço real de significação da cidade, contribuindo com a sua segmentação. Atualmente, nas grandes cidades, é possível identificar claramente a segregação urbana. São territórios diferenciados, caracterizados por estruturas físicas e sociais que compõem a sua história e refletem um conteúdo político, de luta pelo espaço urbano. Para Rolnik (1995), a cidade é como um imenso quebra-cabeças, constituído de peças diferenciadas, onde cada uma delas conhece seu lugar e se sente estrangeira nos demais. É como se essas segmentações da cidade fossem marcadas por fronteiras imaginárias, definindo, assim, o lugar de cada um.

Para Lagazzi-Rodrigues e Brito (2001), o sujeito pouco escolarizado que se encontra na periferia está no limite entre o fora e o dentro. Ele encontra-se distante não só dos centros urbanos, mas também do centro de poder e decisão políticos. As periferias sem nenhum tipo de saneamento básico são evidências concretas da política discriminatória do poder público, grande responsável pela segregação social.

Dentro de todo esse processo aparece a escola, como instituição, fazendo parte da ordem de significação. Além de lugar de estabelecimento e administração de sentidos para a cidade enquanto instituição, ela significa porque faz parte da cidade e está carregada de sentidos de urbanidade. Segundo Orlandi (2004), é um dos lugares em que a forma sujeito-histórica se configura como forma sujeito urbana: o adulto letrado, cristão, é urbano como projeto.

Segundo Pfeiffer (2001), o processo de escolarização e o de urbanização atuam como instrumentos, do Estado, de normatização, estabilização, regulamentação dos sentidos do sujeito e dos sentidos para o sujeito ocupar a cidade. A escola é um dos principais lugares onde se constrói a capacidade de sociabilidade. Ela é responsável por criar uma unidade cívica através de uma





diversidade cultural. A língua nacional é a língua cívica e as outras são da cultura, que passa a ocupar um espaço de bipolaridade com civilidade.

Com o ensino da língua materna, há uma tentativa do Estado de homogeneizar sentidos, em prol do consenso. No entanto, essa atitude anula a pluralidade de sentidos, produzindo na escrita a unidade consensual. Em virtude disso, o sujeito brasileiro urbanizado se torna visível somente através da presença ou da falta da escrita.

A escola produz uma língua já pronta para seus alunos assim como uma cidade já pronta. A escola se coloca na responsabilidade de produzir a consciência da língua e da cidadania no aluno que ainda se encontra como “cidadão e autor em embrião”; entretanto, a escola trabalha no nível da organização administrativa de um sujeito urbano escolarizado. (PFEIFFER, 2001, p.31)

Ao trabalhar língua, sujeito e cidade de forma homogênea, outros sujeitos, línguas e cidades que não se enquadram nas regras de determinação da língua e do urbano permanecem invisíveis diante de suas formas. Os sentidos são construídos a partir dessa visão uniforme da cidade, que silencia tudo aquilo que não segue a norma.

Relações sociais são *relações de sentido* e estas estão, nessas condições, já preenchidas pela sobredeterminação do urbano. Não restam espaços vazios na cidade, sua realidade estando toda ela preenchida pelo imaginário urbano. Os sentidos do “público” já estão desde sempre suturados pelo urbano de tal modo que a cidade é impedida de significar-se em seus não-sentidos, os que estariam por vir, as novas formas de relações sociais, em nossos termos, novas relações de sentidos. (ORLANDI, 2004, p.35)

A sociabilidade passa a ser policiada, controlada pelo urbano, desconsiderando-se os sentidos próprios da cidade, que não fazem parte de um plano projetado. Ainda segundo Orlandi (2004), a cidade tem variadas formas de expressão, representadas através de corpos significativos como o rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, as pichações, as inscrições, os outdoors, os painéis, as rodas de conversa, os vendedores de coisa-alguma. Todas essas formas representam a forma material da cidade.





Há diferentes textualizações do discurso urbano. O rap funciona como flagrante, como lembrete. Tomado como instalação, ele é uma modalidade narrativa urbana. Sítio de significação. Concreto. Novo. Deslocamento da materialidade para o real concreto na relação com o simbólico. (ORLANDI, 2001, p.11)

Ao analisar os sentidos da cidade, a pretensão é compreender o próprio sujeito dentro de seu contexto social: o espaço urbano. A partir da relação entre sujeitos e da relação dos sujeitos com a sociedade, compreende-se que a palavra inconsciente, interior, é marcada pelo território social das ideologias.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão dos estudos de Bakhtin sobre a linguagem, observa-se que o autor considera o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e como condição do sentido do discurso. Bakhtin considera, ainda, que o discurso não é formado individualmente, pois ele é realizado ao menos por dois interlocutores que sustentam relações com outros discursos. Sendo assim, a linguagem é estritamente dialógica.

Quando se observa o discurso no âmbito da cidade, do espaço urbano, deve-se considerar os princípios bakhtinianos de sociabilidade: a relação entre sujeitos e a dos sujeitos com a sociedade. Dessa forma, o discurso da cidade é caracterizado por relações de sentidos estabelecidas pelo processo de significação do sujeito e do espaço urbano em seus aspectos sociais, históricos e políticos.

Neste estudo, observou-se que o sujeito apreende a realidade urbana, da qual faz parte, a partir de uma perspectiva imposta pelo Estado regulamentador. Essa visão é construída especialmente na escola através do imaginário de sujeito e de cidade homogêneos, o que exclui os outros sujeitos e espaços que não fazem parte dessa norma completa e estabilizada.

Essas relações de sobreposição que envolvem língua e Estado, civilidade e não civilidade, sujeito e espaço, escolarização e urbanização solidificam ainda mais as segmentações sociais urbanas pois silenciam e interditam a visibilidade





dos sujeitos menos escolarizados, que, avaliados no sentido espacial urbano, estão à margem da sociedade, longe das decisões políticas do Estado.

Assim, para que a cidade signifique em seus não sentidos, devem ser consideradas as variadas formas de espacialização da linguagem a fim de se produzir outros tipos de relações com o espaço urbano, permitindo que o sujeito-cidadino alcance a imagem de uma cidade material.

Dessa maneira, compreender a diversidade de relações do sujeito com a língua na cidade, as formas de representação e de transmissão do discurso, bem como a condição social de suas variações, torna possível que a natureza do fenômeno linguístico seja abordada em sua dimensão histórica, através de questões específicas de interação, da compreensão e da significação, trabalhadas discursivamente.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. IN: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. IN: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CAMERINI, M. F. A. **A produção do saber mediada pelo uso do vídeo com classes populares urbanas. Pela re-construção da dignidade humana numa experiência de pastoral**. 2003. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. IN: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S; BRITO, P. S. As ocupações dos sem-teto na discursividade da cidade. IN: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada – os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. Tralhas e troços: o flagrante urbano. IN: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada – os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.





PFEIFFER, C. C. Cidade e sujeito escolarizado. IN: ORLANDI, Eni P. **Cidade atravessada** – os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

ROLNIK, R. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

